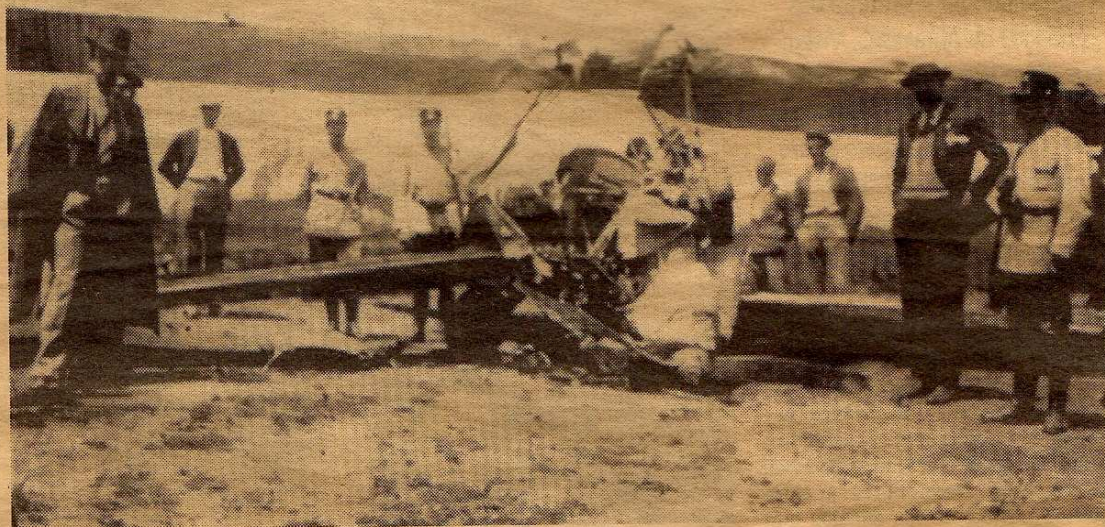


O acidente de Gonçalves Lobato

Gonçalves Lobato morre no Campo da Muna em 6 de Junho de 1935 no decorrer de uma das etapas do "II Rallye Nacional Aéreo". Viseu, ao viver intensamente a tragédia, decide baptizar o seu aeródromo com o nome do jovem mecânico aeronáutico de 26 anos de idade, ainda há pouco regressado de um glorioso raid aéreo a Timor, com passagem pela Índia portuguesa e por Macau.

Texto **Armando R. Martins Mendes***



O avião acidentado (6 de Junho 1935)

portuguesas no Oriente: aterra em Macau em 18 de Novembro e em Goa em 1 de Dezembro, dia de grande significado patriótico, o da Restauração Nacional. Quando regressam a casa quatro dias antes do Natal, Humberto da Cruz e Gonçalves Lobato tinham percorrido 42.670 kms. voando 268 horas sobre regiões inhóspitas e com escalas por um grande número de países: Tunísia, Egipto, Irão, Iraque, Tailândia e muitos outros.

Não é, pois, de estranhar que Viseu, burgo pequeno e modorrento, viva intensamente a morte trágica do aviador.

Na tarde do falecimento o corpo de Gonçalves Lobato é levado da morgue para o Salão Nobre dos Paços do Concelho onde fica em câmara ardente. O velório rapidamente se transforma numa impressionante manifestação colectiva de pesar e consternação. Uma romaria de pessoas de todas as condições sociais desfila durante horas a fio perante o herói ainda há pouco regressado de uma triunfal viagem pelo Império Português do Oriente. À volta da urna há dezenas de coroas de flores aos montões com dedicatórias das mais diversas procedências: chauffeurs da praça de Viseu, Policia de Segurança Pública, Club Académico de Futebol, ajudantes de farmácia, alunas do Grande Colégio Português, etc. etc.

O funeral, porventura o maior alguma vez realizado na cidade, decorre na manhã do dia seguinte. Nele se incorporam os pais, a noiva e camaradas de armas de Gonçalves Lobato, bem como oficiais e sargentos do Quartel e milhares de cidadãos anónimos. A urna, coberta com a bandeira nacional, é transportada num armão de artilharia puxado a cavalos. Os Bombeiros



O funeral

Municipais, a Associação Comercial e Industrial, o Orfeão, o Asilo de Infância Desvalida, a Academia e todas as outras instituições, colectividades e associações de classe estão condignamente representadas pelos seus dirigentes que se fazem acompanhar dos respectivos estandartes cobertos de crepe. No cemitério ouvem-se descargas de ordenança e o Dr. António Dias e o major Armando Monteiro, Presidente da Câmara Municipal, fazem arrebatados elogios fúnebres. As fábricas e as oficinas pararam e os estabelecimentos comerciais encerraram as suas portas.

A trasladação dos restos mortais para Lisboa, onde Gonçalves Lobato nascera em 5 de Abril de 1909, ocorre onze dias após o acidente. Como se de um segundo funeral se tratasse, as ruas que dão acesso à estação de caminho de ferro tornam-se a encher de multidões que querem prestar uma última homenagem à passagem do féretro. De tarde, tem lugar uma cerimónia

oficial no Campo da Muna à qual assiste muito povo e que conta com a presença do Aero Club de Portugal, da Aviação Militar e Naval e de muitas outras agremiações e entidades locais e nacionais. Proferem-se discursos, mas o que comove todos em particular é o do tenente Humberto da Cruz que, de seguida, descerra a bandeira nacional de um singelo, mas significativo monumento, oferecido pelo tenente Tovar Faro para perpetuar a memória do companheiro falecido. Na lápide cravada na base de uma pirâmide de pedra que sustenta uma coluna de ferro encimada por um avião pode ler-se uma inscrição em que o aeródromo de Viseu passa a ser designado de "Campo Gonçalves Lobato".

*Médico

Piloto Particular de Avião

Agradecimentos

Pesquisa D. Conceição Isabel
Fotografia Sr. Jaime Gama

Ao alvorecer do dia 6 de Junho de 1935 começa em Viseu uma das etapas do "II Rallye Nacional Aéreo" organizado pelo Aero Club de Portugal. É uma quinta-feira e às 10 horas da manhã já os aviões participantes estão de regresso ao Campo da Muna, depois de terem percorrido 800 kms. com toques na Figueira da Foz, Espinho e outros aeródromos do norte do País. Um dos "Tiger Moth" está prestes a aterrar quando se dá o imprevisto. Não se sabe ao certo se por paragem do motor ou por outra razão qualquer, a cerca de 20 metros de altura o aparelho entra em descontrolo e despenha-se no solo. Os seus dois ocupantes sobrevivem e, no Hospital da Misericórdia, para onde são transportados, verifica-se que o piloto, o tenente Tovar Faro, não necessita mais do que ser devidamente pensado podendo, no próprio dia, regressar à sua casa de família, em Nelas. Diferente sorte vem a ter o outro elemento da tripulação, o 1.º sargento mecânico aeronáutico Gonçalves Lobato que não resiste à gravidade dos ferimentos e sucumbe poucas horas após o acidente. "Morreu o Lobato". A notícia que ecoa célebre por todo o lado é a expressão do tributo ao homem estimado e valoroso que Portugal inteiro tinha no coração.

António João Gonçalves Lobato era um jovem de 26 anos de idade que participara no raid aéreo a Timor, sem dúvida um dos mais ousados da época heróica da aviação pioneira. A sua competência e o seu apuro moral foram determinantes para que o austero tenente piloto-aviador Humberto da Cruz o escolhesse como seu mecânico de viagem. A odisseia tem o seu início na Amadora em 25 de Outubro de 1934. Depois de chegar à capital de Timor em 7 de Novembro, o De Havilland "Leopard Moth" baptizado de "Dilly" começa um périplo não previsto, pelas outras possessões